



CAMILA DO NASCIMENTO SILVA

**A QUESTÃO AMBIENTAL NO DISCURSO EXPOGRÁFICO DO
PARQUE HISTÓRICO CASTRO ALVES**

CACHOEIRA
2012

CAMILA DO NASCIMENTO SILVA

**A QUESTÃO AMBIENTAL NO DISCURSO EXPOGRÁFICO DO
PARQUE HISTÓRICO CASTRO ALVES**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Ms. Archimedes Ribas Amazonas

CACHOEIRA
2012

TERMO DE APROVAÇÃO

CAMILA DO NASCIMENTO SILVA

A QUESTÃO AMBIENTAL NO DISCURSO EXPOGRÁFICO DO PARQUE HISTÓRICO DE CASTRO ALVES

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Museologia.

Aprovada em 27 de novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Archimedes Ribas Amazonas (Orientador) _____
Mestre em Cultura e Sociedade – FACOM/UFBA
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Patrícia Verônica Pereira dos Santos _____
Mestre em História - UFBA
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Sura Souza Carmo _____
Graduada em Museologia - UFRB

AGRADECIMENTOS

À Deus desde o princípio, meio e fim desta jornada. Força que me conduziu ao sucesso, sem a sua presença constante em minha vida nada seria possível. A ti senhor toda honra e toda glória.

Aos meus pais Elizete e Geovan serei sempre grata pela minha existência. Amo vocês! Em especial “MAINHA” meu muito obrigado, pelo apoio, conselhos, motivação e por ter acreditado em mim.

Ao meu esposo Gilvan pelo companheirismo, incentivo, paciência e carinho quando eu mais precisava. Sempre ao meu lado desde o momento em que decidi prestar vestibular para museologia desistindo do curso de engenharia ambiental e sanitária que cursava. Sem a sua presença ao meu lado a caminhada seria bem mais árdua. Essa conquista é nossa.

À minha filha Melca por estar sempre ao meu lado. Obrigada por existir. Minha vitória hoje tem sabor de Mel. Te amo muito!

Ao meu sobrinho afilhado Enzo pela descontração nos momentos de preocupação conseguindo conquistar meu sorriso.

Aos meus irmãos Taissa, Breno e Geovana pelo laço de amizade e confiança que nos une desde a infância.

À amiga Joice pela amizade que se iniciou no curso de engenharia e se perdurou. Obrigada por me fazer entender que tudo o que planejamos somos capazes de realizar.

Ao meu cunhado Tiago Anselmo pelo seu otimismo e alegria contagiante.

À minha tia Gal e família todo meu carinho.

À amiga Liliane pela amizade e apoio.

Aos professores do curso de museologia por compartilharem comigo seus conhecimentos: Ana Audebert, Camila Santiago, Carlos Costa, Cristina Ferreira, Fabiana Comerlato, Fabrício Lírio, Leandro Almeida, Luydy Abraham, Rita Dória, Rita Salvador, Salete Nery, Suzane Pinho, Walter Fraga. Em Especial meu orientador Prof. Archimedes Ribas Amazonas pela orientação e apoio para a conclusão desta monografia. E a Prof^a. Patrícia Verônica minha supervisora de estágio pela experiência adquirida ao longo do estágio.

Aos amigos conquistados ao longo desta trajetória em especial: Crislane, Edilton, Idaiane, Laerte (in memoriam), Pedro, Sura e Vera que com tanto carinho e zelo caminharam comigo nesta jornada.

Aos funcionários do Centro de artes, Humanidades e Letras pela gentileza e satisfação em nos atender.

À direção e funcionários do Parque Histórico de Castro Alves pela receptividade, carisma e informações que contribuíram para a minha monografia. Em especial a museóloga Alba Boente pela permissão para as fotos e pelo diálogo bastante proveitoso para minha pesquisa. Sempre muito atenciosa.

À todos os meus familiares que de alguma forma contribuíram para realização deste sonho. À vocês meu muito obrigada!

A responsabilidade social e a preservação ambiental significa um compromisso com a vida.”

João Bosco da Silva

RESUMO

O presente trabalho buscou através dos princípios que norteiam as questões que envolvem a concepção de exposições em espaços naturais e com espécimes vivos, analisar o discurso expográfico do Parque Histórico Castro Alves, sobretudo, referente à aplicação de conhecimento sobre questões ambientais na concepção e montagem da exposição. Para tanto, os procedimentos postos em prática envolveram uma discussão teórica a respeito da área de concentração do tema proposto e em uma pesquisa de campo, com a análise do discurso expositivo interno e externo ao edifício do museu e avaliação de público. Os questionários aplicados ao público interno e externo reforçam as observações realizadas. O trabalho revela como o Parque Histórico Castro Alves trabalha com as questões ambientais e como realiza este diálogo com a comunidade através do discurso expográfico.

Palavras-chaves: meio ambiente, Ecomuseu, exposição, Castro Alves.

ABSTRACT

The present study sought through the principles that guide the issues surrounding the design of exhibitions in spaces with natural and living specimens, analyze the speech expográfico Historical Park Castro Alves, especially regarding the application of knowledge about environmental issues in the design and assembly of exposure. Therefore, the procedures put in place involved a theoretical discussion about the concentration area of the proposed topic and a field research, with discourse analysis expository internal and external to the museum building and evaluating public. The questionnaires applied to internal and external audiences reinforce the observations. The work shows how the Historical Park Castro Alves works with environmental issues and how to accomplish this dialogue with the community through discourse expográfico.

Keywords: environment, Ecomuseum, exposure, Castro Alves.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Castro Alves adolescente	22
Figura 2- Castro Alves no primeiro ano de Faculdade	23
Figura 3- Um dos amores do poeta: Eugênia Câmara	24
Figura 4- Castro Alves adulto	25
Figura 5- Casa do PHCA	30
Figura 6- Aspecto geral do parque	32
Figura 7- Muro que limita o espaço do parque (parte alta).....	33
Figura 8- Cerca que limita o espaço do parque (parte baixa)	33
Figura 9- Pinturas em homenagem a Castro Alves na exposição atual	34
Figura 10- Entrada da exposição atual do PHCA.....	36
Figura 11- Sala 01 da exposição atual do PHCA	36
Figura 12- Sala 02 da exposição atual do PHCA	37
Figura 13- Sala 03 da exposição atual do PHCA	37
Figura 14- Sala 03 da exposição atual do PHCA	38
Figura 15- Sala 03 da exposição atual do PHCA com visitantes.....	38
Figura 16- Sala 04 da exposição atual do PHCA	38
Figura 17- Recepção.....	39
Figura 18- Forma de acessar espaços no parque.....	40
Figura 19- Escada de acesso para a fonte.....	40
Figura 20- A fonte.....	41
Figura 21- A cruz da estrada.....	41
Figura 22- Pouso de Adelaide	42
Figura 23- Mourão da fazenda	42
Figura 24- Marco comemorativo.....	42
Figura 25- Placas de localização de elementos do parque	43
Figura 26- Objetivos do parque	45
Figura 27- Plantas que embelezam o entorno da casa	46
Figura 28- Plantas que embelezam o entorno da casa	46
Figura 29- Mangueiras doentes do PHCA.....	46
Figura 30- Mangueiras doentes do PHCA.....	47
Figura 31- Ausência de árvores no parque	47
Figura 32- Árvores frutíferas.....	48
Figura 33- Cuidados do período de estiagem	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DIMUS Diretoria de Museus

ICOM Conselho internacional de Museologia

MOMA Museu de Arte Moderna de Nova York

PHCA Parque Histórico Castro Alves

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ABORDAGEM TEÓRICA: CONCEITUAÇÕES DE MUSEOLOGIA E COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA	13
2.1 ECOMUSEUS: CONCEITUAÇÕES E CLASSIFICAÇÕES	15
2.2 A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA EM ECOMUSEUS	18
2.3 O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COMO PODE SER REALIZADA DENTRO DE UM DISCURSO EXPOGRÁFICO	19
2.4 METODOLOGIA UTILIZADA	21
3. MUSEU PARQUE CASTRO ALVES	22
3.1 BREVE HISTÓRICO DA VIDA E OBRA DE CASTRO ALVES	22
3.2 A CIDADE DE CABACEIRAS DO PARAGUAÇU	27
3.3 PHCA: UM MUSEU PARA UM POETA.....	28
3.3.1 A dimensão	32
3.3.2 O discurso expográfico	33
3.3.3 A questão ambiental	45
4. ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DO PÚBLICO INTERNO E EXTERNO DO PHCA	50
4.1 ANÁLISE DO PÚBLICO INTERNO	50
4.2 ANÁLISE DO PÚBLICO EXTERNO	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	62

1. INTRODUÇÃO

Quando escolhi a graduação em Museologia estava adquirindo uma nova paixão e deixando outra de lado, a Engenharia Ambiental, em que havia cursado alguns semestres também na UFRB. Todavia, logo descobri a questão ambiental dentro da teoria museológica, com a Nova Museologia e os museus que emergem da comunidade, podendo, desta forma, trabalhar com minhas duas paixões.

O Parque Histórico Castro Alves foi o local escolhido para o exercício da minha prática museológica. A instituição possui dois importantes acervos: um de objetos históricos pertencentes ao poeta e o outro todo o território do parque com sua fauna e flora. Depois de vivenciar algumas vezes a relação da comunidade com seu patrimônio percebi o quanto compreender esta relação é importante. O parque recebe um grande número de visitantes de toda a região, além da comunidade que diariamente circula pela extensão do parque fazendo do espaço uma extensão de suas casas. A admiração que todos tem pela obra do poeta aliada a curiosidade do local onde nasceu, faz do parque um local mágico em que os visitantes querem vivenciar o mesmo contato com a natureza em que o poeta teve nos primeiros anos da sua infância.

Este trabalho busca, através da compreensão do discurso expográfico, compreender a relação dos usuários com a questão ambiental e como o museu proporciona este entendimento. O PHCA é um local, sobretudo de lazer para as famílias onde o meio ambiente é cenário e ator principal do museu. A realização de uma avaliação da comunicação museológica do parque voltada para a questão ambiental busca respostas direcionadas a receptividade do público para tal discussão e se acontecem de maneira satisfatória.

Desde o início, houve a preocupação em não realizar um trabalho que fosse semelhante aos já realizados numa busca em narrar apenas à importância do parque. A intenção foi desenvolver um olhar crítico sobre a exposição respaldado na aplicação de questionários ao público interno e externo da instituição. A ideia central do trabalho é perceber como o PHCA trabalha a questão ambiental, o nível de importância para a instituição e para a comunidade de atividades relacionadas à preservação do meio ambiente e qual entendimento do público sobre o assunto.

Este trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo foi realizada a discussão teórica referente à Museologia, ecomuseus, comunicação museológica

em ecomuseus e o que é educação ambiental. O segundo capítulo explana sobre a vida e obra do poeta Castro Alves, a criação do parque, o discurso expográfico e como a questão ambiental é trabalhada no parque. E o terceiro capítulo apresenta a análise dos dados dos questionários do público interno e externo proporcionando ao leitor a percepção dos visitantes relativos ao parque e realização de atividades voltadas para a preservação do meio ambiente. E, por fim, as considerações finais.

2. ABORDAGEM TEÓRICA: CONCEITUAÇÕES DE MUSEOLOGIA E COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA

Classificada como uma ciência destinada a organizar os processos técnicos, administrativos e científicos de um museu, a Museologia nas últimas décadas, com o desenvolvimento teórico, vem demonstrando que vai muito além da função de propiciar mecanismos para o bom funcionamento dos museus. Inicialmente mitológica a definição e a origem dos museus recaem, segundo Cury (2005, p.21) “no poder de ver a poesia nas coisas”.

Posterior a criação dos museus, as primeiras instituições museais datam do século XVIII e a Museologia no século XX, as discussões teóricas para a construção são relativamente novas em comparação a outras áreas das ciências humanas. Os museus têm sua origem no colecionismo de obras de arte e objetos exóticos, os gabinetes de curiosidade, e exposição para um grupo seletivo de apreciadores. A institucionalização dos museus foi lenta e gradual assim como a cientificidade da área.

Para Cury (2005, p.29), a Museologia “é entendida como disciplina aplicada e sua cientificidade está sendo construída”. Peter van Mensh (apud Cury, 2005) divide a produção teórica em museologia em cinco tipos de estudo

o estudo da finalidade e organização de museus; da implementação e integração de um conjunto de atividades visando à preservação e o uso da herança cultural e natural; dos objetos do museu; da musealidade; e da relação específica do homem com a realidade.

A Museologia surge da necessidade organizacional de um campo científico que, ao circular por diversas áreas do conhecimento, necessitava de conceituações e metodologia próprias. Todavia, necessitava também de um objeto de estudo, no caso a herança cultural, e decifrá-lo a quem o produz. Para Bruno (2004, p.1)

A Museologia surgiu e tem sido organizada como área do conhecimento, justamente para equacionar os aspectos técnicos, teóricos e metodológicos, relativos à constituição, implementação e avaliação dos processos que as sociedades estabelecem para a seleção, tratamento e extroversão dos indicadores da memória, transformando-os em referências patrimoniais e projetando-os em campos constitutivos da herança cultural.

São contribuições importantes para a construção da Museologia enquanto ciência: a criação, na França, do cargo de inspetor de monumentos históricos (1830); a primeira lei francesa de proteção dos monumentos históricos (1887);

Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, ciência, e a Cultura em Nova Delhi (1956); mesa Redonda de Santiago do Chile (1972); Carta de Restauro (1972); Carta do Turismo Cultural (1976); Declaração de Quebec (1984); Carta de Washington (1987); Declaração de Caracas (1992); etc. Os citados do século passado produzidos pelo ICOM e ICOMOS¹. Sobre o ICOM, Cury (2005, p.367) diz que “propiciou grandes avanços na mentalidade museal em resposta à demanda social do pós-guerra. Esse conselho iniciou reuniões periódicas para discutir os diversos aspectos dos museus e da museologia”.

A Museologia é na sua essência a capacidade de visualização do objeto como documento, sua preservação e comunicação para a sociedade. Para Cury (2005, p.30) a definição de Museologia está ligada a definição de musealização que é a “atribuição de valores a objetos que, por suas qualidades, são selecionados com o objetivo de provocar o confronto do Homem com sua Realidade, Realidade construída pelo próprio Homem”. A musealização, ou o ato de selecionar objetos que são atribuídos valor de documentabilidade, não é uma tarefa neutra, uma vez que os motivos da seleção podem ser diversos.

A musealização é construída por etapas. A primeira é a aquisição ou a valorização do objeto como documento. A segunda etapa é a realização de uma pesquisa profunda relacionada a história da peça (origem, por onde passou, local de fabrico, etc), a realização da documentação e a avaliação do seu estado de conservação (caso seja uma peça que foi comprada pela instituição deve ser realizada no ato da aquisição para evitar possíveis prejuízos). Por último, é realizada a comunicação museológica ou a apresentação do objeto a sociedade através de exposições, catálogos, etc.

A Declaração de Caracas (1992) relacionado a comunicação museológica diz que

A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as actividades específicas do Museu, tais como a colecção, conservação e exibição do património cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interacção da comunidade com o processo e com os produtos culturais.

¹ ICOM: Conselho Internacional de Museus. ICOMOS: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

Não existe museu sem comunicação museológica assim como não existe museu sem acervo. Um museu que não realiza a troca de experiências entre instituição e público não deverá assim ser denominado, pois não cumprirá as funções que certificam a sua criação. De acordo com Cury (2005, p.367) “o museu formula e comunica sentidos a partir do seu acervo. Esses dois atos são indissociáveis e, por isso, a área museológica e o público atribuíram a essa instituição o seu grande papel social”. A principal ferramenta de interação ente público e instituição são as exposições que devem ser pautadas não apenas na disposição do seu acervo, mas na percepção do seu entorno. Nesse sentido Cury (2005, p.367) diz que “o consumo de exposição é a possibilidade de o público de se apropriar do modelo proposto pelo museu, reelaborá-lo e recriá-lo na forma de um novo discurso”. São ainda ferramentas importantes para a comunicação museológica, conforme Santos (2000, p.126-127): “sinalização, prédio, acervo, pessoal, bilhete de entrada, convite, folheto, *folder*, catálogo, jornais e revistas”.

A construção de uma exposição não é a arrumação de objetos em um espaço de maneira harmoniosa. De acordo com Santos (2000, p.151) a construção de uma exposição deve obedecer as seguintes etapas:

contato com o tema; levantamento preliminar do acervo relacionado ao tema que esteja disponível para ser exposto; definição dos objetivos da exposição; definição da linha de abordagem; pesquisa ampla relacionada ao tema; levantamento do estado de conservação, seleção final do acervo, levantamento dos recursos humanos, materiais e financeiros necessários a partir dos recursos museográficos a serem empregados; elaboração do projeto específico da exposição; montagem.

Vale ressaltar que a exposição não é apenas parte do processo de comunicação museológica, mas percepções que causará no visitante. Para Cury (2005, p.370) a comunicação “não está na mensagem e sim na interação, espaço de encontro entre emissor e receptor, de negociação e estruturação do significado, de construção de valores e, por que não, questionamentos, diferenças e conflitos”.

2.1 ECOMUSEUS: CONCEITUAÇÕES E CLASSIFICAÇÕES

Surgem no início dos anos 70, sob forte influência do movimento contracultura, os ecomuseus surgem como importante ferramenta de interação entre as comunidades e o patrimônio que se expande para além dos objetos e monumentos históricos. A ideia surge a partir da crítica dos museus tradicionais que por valorizar

apenas a cultura das elites em espaços que possuíam o mesmo aspecto, não democratizando a cultura e deixando de lado a valorização da cultura das classes populares. Os ecomuseus seguem a Nova Museologia, que surgida no mesmo período, caracteriza-se pela visão transformadora atribuída aos museus, em que a comunidade faz do museu uma extensão da sua casa, gerindo-o e atribuindo-o serventia, ou seja, “o museu para alguma coisa”. Para Magalhães (2003, p.212) o próprio conceito de ecomuseu é confundido com a Nova Museologia. Contudo o autor esclarece que a Nova Museologia não se sintetiza no ecomuseu, mas em “auxiliar o desenvolvimento das populações, sendo um instrumento para, e a serviço da comunidade” (2003, p.212).

Os ecomuseus não abandonam a tradição patrimonialista da museologia, pautada em acervo e patrimônio. O acervo deste museu, segundo Heloísa Barbuy (1995, p.2) abrange “bens móveis e territórios inteiros, além de espécimes vivos e de bens imateriais”. Entretanto, a idéia inicial da criação dos ecomuseus, ou museus a céu aberto, foi idealizada segundo a autora (1995, p.7) por Rivière visando “a valorização da arquitetura rural francesa” e não aspectos do patrimônio natural.

Os ecomuseus, na sua essência, tem um forte caráter social, permitindo, com a criação, o fortalecimento das comunidades, o conhecimento da própria cultura, a preservação da identidade e o desenvolvimento sustentável da comunidade. É impossível dissociar o surgimento de ecomuseus da vontade do fortalecimento do grupo e melhorias das condições e vida. Deve partir da vontade da comunidade de documentar e compreender a sua história, seus antepassados e os caminhos que o grupo segue na atualidade.

A conceituação de museus expandiu-se na medida em que cresceu o conceito de patrimônio cultural. Se durante muito tempo, conforme Moreira (1996, p.28) “a idéia de patrimônio estava associada à idéia de obra de arte e monumento”, hoje são contemplados desde a cultura popular, objetos de uso comum ou a paisagem que nos acostumamos ver todos os dias. A importância não está no valor agregado, mas no poder de representabilidade. Partindo da premissa que não há como dissociar o homem do meio em que vive, os ecomuseus vêm representar a necessidade de relacionar os vestígios materiais (objetos) e imateriais (crenças, celebrações, etc) do homem com o território. Para Moreira (1996, p.34)

O ecomuseu é uma forma museológica que traduz a ligação e interdependência entre espaço natural e espaço humanizado (cultural), conservando os testemunhos que em determinado espaço revelam a forma como o homem se integrou no meio natural e documentam a evolução desse território e da sua população.

Se museu tradicional é composto por três elementos primordiais: o edifício, que abriga as coleções; o acervo, que são os documentos históricos; e o público, destinatário da salvaguarda do acervo. Para Mathilde Bellaigue (apud Barbuy 1995, p.3) os ecomuseus têm quatro elementos constitutivos: o território, a população (como agente), o tempo e - o patrimônio. Afirmando que "quando falamos de patrimônio, falamos de patrimônio total: tanto as paisagens, sítios, edificações, como os objetos que são portadores de história ou de memória". Patrimônio passa a ser todo um legado, de múltiplas formas e origens, sem a preocupação de uma delimitação precisa, incluindo toda a produção cultural do grupo e o meio que propiciou tal produção.

Para Moreira (1996, p.35) são três os elementos característicos dos ecomuseus: o território, o patrimônio e a população. Para o autor o território é o principal ponto, pois "é onde se desenvolve o cotidiano das pessoas", o patrimônio não estará inserido num museu, mas no próprio ambiente das pessoas, sendo conservado e compreendido "*in situ*". O patrimônio, no caso dos ecomuseus é compreendido de maneira ampla, sendo contemplado o patrimônio não apenas artístico e histórico, mas rural, industrial, material e imaterial ou tudo aquilo que é referência para o grupo; de acordo com o autor "todo saber adquirido, os objectos, as práticas tradicionais, usos e costumes, devem ser preservados". E a população, conforme o autor porque "o ecomuseu existe essencialmente para a população" ou não teria uma razão para existir.

Saindo do estado da Bahia, temos como exemplo da tipologia de museu, o Ecomuseu de Santa Cruz, localizado na periferia da cidade do Rio de Janeiro. Criado e gerido pela comunidade no ano emblemático da ECO-92, a instituição é polinucleada, possuindo diferente edifícios e patrimônio, como ruínas, edifícios antigos e centro cultural. A combinação território, comunidade e patrimônio, permite o pertencimento da população local e áreas circunvizinhas a este local histórico, vinculado ao Brasil Império, e a preservação do patrimônio pois a comunidade torna-se a principal interessada em salvaguardar a sua história. O ecomuseu é um instrumento do desenvolvimento comunitário.

O ecomuseu tem como sua essência apresentar uma história a ser construída com a participação da comunidade, não se apresentando com conteúdos prontos, não procura reconstruir o passado, mas dialogar sobre as visões deste. Com a participação da comunidade na seleção do que será perpetuado são atores de sua própria cultura, sem a pretensão de sacralizar o passado, mas de preservar o futuro. Torna-se, assim, um museu de novidades.

2.2 A COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA EM ECOMUSEUS

Os ecomuseus são uma tipologia de museus que buscam dentro do seu discurso expográfico evidenciar aspectos nacionais, regionais ou locais que estejam de acordo com as necessidades da comunidade. A construção da comunicação museológica, em especial as exposições, deve possibilitar o diálogo ativo entre os objetos e as mensagens culturais, através de códigos comuns e acessíveis ao público da instituição.

O curador da exposição ou gestor do projeto de exposição nos ecomuseus ou nos museus comunitários deve priorizar o envolvimento da comunidade na construção do discurso expográfico. Na verdade, o gestor do projeto da exposição deverá ouvir, através de encontros no próprio espaço da instituição, as propostas relacionadas ao tema e procurar evidenciar no projeto expográfico as necessidades do grupo.

Nessa construção de conhecimento é justa e necessária a participação da comunidade em todas as etapas do processo de criação da exposição, contudo supervisionado por um técnico da área e/ou museólogo. O planejamento ou concepção, investigação do tema proposto, montagem e avaliação devem ter a participação ativa de membros da comunidade, pois fortalecerá os laços destes com a instituição. Os gestores do museu não devem deixar de buscar na comunidade as fontes investigativas para a compreensão do objeto, envolvendo-os nas atividades museológicas.

As exposições em ecomuseus devem ser o lugar adequado dentro da comunidade onde ela possa se expressar. A função de um ecomuseu ou museu comunitário é ser ponto de encontro para a discussão de problemas que envolvem o grupo. Devem ser montadas exposições que estejam relacionadas a história ou problemas enfrentados pela comunidade, tendo a participação da mesma que pensará a forma como o assunto deve ser tratado.

De acordo com Teixeira Coelho (1997) relacionado a composição do acervo de um ecomuseu

A coleção do ecomuseu é composta por tudo o que existir no território e tudo o que pertencer aos habitantes, tanto material quanto imaterial, móvel ou imóvel. É um patrimônio vivo, em constante mudança e em criação constante, que pertence aos indivíduos, famílias, pequenas comunidades. As equipes de ação cultural e de pesquisa podem se utilizar dessa coleção na medida de suas necessidades. A aquisição desse patrimônio não deve acontecer a não ser em casos de abandono ou perigo de alienação, o que é prejudicial para a comunidade.

Dessa forma, com a participação efetiva da comunidade na construção da comunicação museológica de um ecomuseu, a instituição estará cumprindo a sua função social na plenitude.

2.3 O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COMO PODE SER REALIZADA DENTRO DE UM DISCURSO EXPOGRÁFICO

Preocupação explanada por diversos grupos de ativistas por todo o mundo, a preocupação com o meio ambiente também deve estar inserida na abordagem do discurso expográfico, sobretudo de ecomuseus, museus parques e museu territorial. Entre as atividades realizadas nestas instituições, devem ser realizadas periodicamente palestras sobre educação ambiental que envolvam toda a comunidade num comprometimento com a preservação ambiental do espaço e entorno.

Define-se por educação ambiental práticas que visam a preservação do meio ambiente a partir de medidas de conscientização da sociedade. Para Jacobi (2003, p.12) “a educação ambiental deve destacar os problemas ambientais que decorrem da desordem e degradação da qualidade de vida nas cidades e regiões”, funcionando, portanto, como uma reeducação do homem em como viver em seu habitat. Para o Jacobi (2003, p.5) a educação ambiental “é condição necessária para modificar um quadro crescente de degradação socioambiental”, tornado-se, o autor citando Tamaio (2000), mais uma ferramenta de transformação.

A educação ambiental deve ser realizada, sobretudo, em espaços onde a comunidade se reúne como escolas, igrejas, clubes recreativos, parques, museus, etc. Este espaço torna-se ponto de encontro e irradiador de conhecimento para todo o grupo. Devem ser ações que não visem à lucratividade, realizando através da participação voluntária um apego à causa. Para Jacobi (p.9) “o principal eixo de

atuação da educação ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas”. Portanto é uma ação em que a troca de conhecimento é extremamente necessária para o sucesso das ações.

Dentro de um espaço museológico, sobretudo de um museu a céu aberto, são muito importantes práticas interativas e dialógicas referentes à educação ambiental. A realização de palestras, Semana do Meio Ambiente e exposições temporárias sobre os mais diversos problemas relacionados ao tema, são algumas das formas de abordar a questão ambiental em exposições. Para os museus que contam com espécimes vivos e/ou paisagens naturais dentro da área do museu, a inclusão destes no circuito expositivo aliando ao debate da necessidade de preservação também é um excelente recurso.

Cabe aos ecomuseus, museus parque, comunitários ou naturais inserirem a discussão ambiental e sustentabilidade em suas exposições. Apenas expor a história do lugar e dos espécimes da região não basta, o público que ser incluído na construção do discurso expográfico como aquele que pode participar como agente transformador da realidade. Para Jacobi (2003, p.10) a educação ambiental como exercício de cidadania “refere-se a uma nova forma de encarar a relação do homem com a natureza, baseada numa nova ética, que pressupõe outros valores morais e uma forma diferente de ver o mundo e os homens”.

A educação ambiental dentro do espaço museal deve aliar à teoria a prática na construção de conhecimento e desenvolvimento de atividades entre instituição e comunidade. Ao inserir a questão ambiental do discurso expográfico não se deve construir o conhecimento unilateralmente, mas conjuntamente com o público do museu. Dessa forma, a tarefa da educação ambiental trará os resultados esperados. De acordo com Loureiro (2004, p.17)

[...] educar é transformar pela teoria em confronto com a prática, com consciência adquirida na relação entre o eu e o outro, nós (em sociedade) e o mundo. É desvelar a realidade e trabalhar com os sujeitos concretos, situados espacial e historicamente. É, portanto, exercer a autonomia para uma vida plena, modificando-nos individualmente pela ação conjunta que nos conduz às transformações estruturais. Logo, a categoria educar não se esgota em processos individuais e transpessoais. Engloba tais esferas, mas vincula-as às práticas coletivas, cotidianas e comunitárias que nos dão sentido de pertencimento à sociedade.

2.4 METODOLOGIA UTILIZADA

Este trabalho foi realizado a partir da aplicação de questionários e de registro fotográficos da exposição atual do PHCA e do circuito externo de visitação. Trata-se de um trabalho pautado na percepção visual da autora e de comparativos de informações entre a forma que a instituição trabalha com as questões ambientais e a percepção do público interno e externo. Evitou-se aqui uma exaustiva discussão teórica a respeito ecomuseus e educação ambiental, apresentado, de uma maneira geral, os principais conceitos relacionados ao objeto de estudo.

Relativo à parte teórica do trabalho, sobretudo de Museologia e Educação Ambiental, optaram-se pela utilização de alguns teóricos discutidos durante a graduação. Como por exemplo, para teoria museológica, Moreira (1996), Cury (2005), Bruno (2004), Chagas (1985), nos apresentam definições sobre os processos museológicos, tipologias de museus e relação museu/comunidade.

Na segunda parte do trabalho optou-se por evidenciar a vida e obra do poeta, localizar e falar sobre as circunstâncias da criação do PHCA, descrever seu discurso expográfico interno e externo a partir de fotografias e análise da autora. Para descrever a vida e obra do poeta foi utilizada talvez a mais antiga biografia do poeta, publicada em 1896, por Múcio Teixeira, amigo da família do poeta. Para descrever a criação do parque, usou-se o livro de Edvaldo Boaventura, idealizador do parque. A descrição do discurso expográfico e da questão ambiental também foram utilizados teóricos da área para embasamento da análise da autora.

O terceiro e último capítulo, realizou-se a análise dos questionários aplicados ao público interno e externo, para a observação da importância da questão ambiental para estes usuários.

3. MUSEU PARQUE CASTRO ALVES

3.1 BREVE HISTÓRICO DA VIDA E OBRA DE CASTRO ALVES

Num país em que o acesso a leitura não é prioridade, desde o alto valor de um livro ao número pequeno de bibliotecas, é com grande entusiasmo que falamos de um poeta do século XIX, que inda hoje é lido e admirado. Castro Alves é um desses literatos que atravessam o seu tempo e ganha a admiração de diferentes classes sociais por ter uma obra em que a temática foge os lugares-comuns apresentados até seu surgimento.

Antônio Frederico de Castro Alves, filho do médico Antônio José Alves e de Clélia Basília da Silva Castro. Nasceu numa fazenda, denominada Fazenda Cabaceiras, hoje município de Cabaceiras do Paraguaçu, parte integrante da freguesia de Muritiba, que foi parte integrante de São Félix, pertencente à comarca de Cachoeira e próxima a Curralinho, atual município de Castro Alves. Esta enumeração de cidades deve-se a um fato bastante curioso na região: os moradores das cidades acima discutem entre si sobre a que município pertencia a fazenda Cabaceiras para assim dizerem-se conterrâneos do poeta. Discussões a parte, na fazenda Cabaceiras nasceram todos os filhos homens da então família Castro Alves, José Antônio, Antônio Frederico e Guilherme, mas pouco tempo permaneceram ali, pois segundo Teixeira (1896, p.38-39) “oito annos apenas demorou-se ali o Dr. Alves, vendo-se obrigado a deixal-a por exigil-o a educação dos seus dois filhos mais velhos”. Mudando-se para São Félix e posteriormente Salvador onde nasceram às irmãs Adelaide, Elisa e Amélia.

Figura 01 – Castro Alves adolescente



FONTE: Disponível em: <http://soniajobim.blogspot.com.br/2010/01/castro-alves-um-estudo-da-literatura.html> Acesso: 12/06/12

Iniciou juntamente com seu irmão mais velho os estudos em Salvador. Residia na época na Boa Vista, lugar de boas e más lembranças, já que perdera a sua mãe em 1859. Já escrevendo alguns versos e freqüentador dos locais de encontro da sociedade baiana, vê pela primeira vez a mulher que seria sua grande musa inspiradora, Eugênia Câmara, o poeta tendo apenas quinze anos de idade, conforme diz Teixeira (1896, p.63) “Castro viu-a pela primeira vez no Theatro São João desta capital. Representava Ella nessa noite a Dalila”. Pouco tempo depois partiu em 1862 para Recife, a fim de preparar-se para o exame do curso de direito no ano seguinte.

Figura 02 – Castro Alves no primeiro ano de Faculdade



FONTE: Disponível em : < <http://www.brasiledinheiro.com/fotos/2012/03/19/fotos-de-castro-alves-biografia-resumo.html> > Acesso: 12/06/12.

Em Recife começou a estudar direito, mas se fazia notar principalmente por recitar poemas na Faculdade, nos grêmios estudantis e no teatro rivalizando inclusive com Tobias Barreto. Nesta época firma romance com uma atriz casada cuja companhia de teatro passava por Recife, e que outrora o poeta viu-se apresentar em Salvador. Pouco adorada pelos biógrafos do poeta, Teixeira (1896, p.65) descreve o romance da seguinte forma

Longe das vistas paternas, vivendo na bohemia das repúblicas em ampla liberdade, Castro Alves conseguiu facilmente realizar o mais ardente desejo de sua juventude. A posse dessa mulher, que se lhe entregou de corpo e alma, sinceramente apaixonada pelo seu porte de Apollo meridional e vivamente deslumbrada pelo esplendor do seu talento victorioso, longe de proporcionar-lhe a felicidade almejada, trouxe-lhes terríveis lutas e profundos desalentos.

Se foi danoso ou não este romance ao poeta, apenas o próprio poderia dizer-nos, mas é sabido que por ela muitos poemas foram escritos no auge e no declínio do amor. Escreveu *Gonzaga ou a Revolução de Minas* (vide Anexo A) em 1866 tendo como atriz principal Eugênia Câmara. A peça consagrou o poeta, com a apresentação no Teatro São João, em Salvador, com a notícia espalhando-se pelo Rio de Janeiro e São Paulo. Conforme Teixeira (1896, p.83) “em 1868 vai para São Paulo, já aclamado na Bahia e Pernambuco”, na companhia da amante, passando antes na capital do império a entreter-se com abolicionistas e escritores, como Joaquim Nabuco e Machado de Assis. Sua ida para São Paulo deveu-se pela vontade de dar continuidade aos estudos jurídicos, menciona Teixeira (1896, p.151) “em março de 1868 matriculou-se no terceiro ano jurídico, da Academia de S. Paulo, onde se demorou até fins de 1869”.

Figura 03 – Um dos amores do poeta: Eugênia Câmara



FONTE: Disponível em: <http://colegioativoliterativo.blogspot.com.br/2012/05/te-conteei-nao-um-pouco-mais-de-castro.html> >. Acesso: 12/06/12.

Em São Paulo veio-lhe sua grande desgraça. Costume da época, em uma caçada, no final do ano de 1869, acidentalmente deferiu contra si mesmo um tiro no pé. Sendo grave o ferimento foi-lhe amputado o pé no Rio de Janeiro ficando com a saúde debilitada. Voltou à Bahia e foi respirar ar puro em Currálinho, nas duas últimas cidades ficando sob os cuidados de amigos. Conforme Teixeira (1896, p.182) “passou sete mezes no Currálinho, onde esteve carinhosamente hospedado em casa de uma família amiga de seus pais, na fazenda de Santa Isabel, de onde regressou para esta capital em Setembro de 1870”.

Figura 04 – Castro Alves adulto



FONTE: Disponível em: <http://www.reidaverdade.com/castro-alves-biografia-navio-negreiro-fotos.html> > Acesso: 12/06/12.

Mesmo lhe amputado o pé continuava a preencher de alegria o coração das damas, apaixonando-se por ele outras além de Eugênia Câmara, incluindo a professora de piano de sua irmã. Data deste período a sua foto mais conhecida, apresentando-se com uma beleza inconfundível. Teixeira (1896, p.84), amigo da família, que ouviu relatos de quem viveu próximo ao poeta o descreve da seguinte forma:

Alto, elegante, de attrahente belleza varonil, fronte pálida e erguida, cabelos escuros, finos, longos e annelados, sobancelhas cerradas, olhos rasgados, pestanudos e de brilho húmido, nariz grego e de narinas vibrantes, lábios sensuaes e queixo voltaireano; eis um ligeiro esboço desse bello original, de que os retratos nos dão uma copia sem vida.

Apesar da nítida convalescência, com alternâncias de estado de melhora e piora, segundo biógrafos, foi o período em que mais escreveu o ilustre poeta. Datam desse período um grande número de poesias, incluindo a publicação do seu único livro em vida *Espumas Flutuantes*. Após a temporada em Currálinho, retorna a Salvador para morar na companhia da madrasta e irmãs. Apresentando uma aparente melhora vai ao teatro e causa um suspirar nas mulheres. Contudo adormecida a doença, volta a mostrar suas garras de uma forma implacável e cruel em meados do ano de 1871 segundo Teixeira (1896, p.189) “no dia de S. Pedro, à hora do almoço, Castro Alves declarou que não se sentia com forças de ir até á sala de jantar”. Sem forças para lutar contra a tuberculose, morreu às três e vinte da tarde no solar Sodré, na companhia dos familiares no dia 6 de julho de 1871. Seu corpo foi enterrado no cemitério do Campo Santo e seus restos mortais atualmente

encontram-se na praça a qual leva o seu nome na cidade de Salvador, onde antes se encontrava o Teatro São João.

A doença que levara nosso poeta era um grande mal no período. Só para constar, a tuberculose levara Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Cruz e Souza e tantos outros, além de grande parcela das classes humildes da população. Seus outros irmãos homens, Antônio José e Guilherme, com 19 e 24 respectivamente, também foram tirados da terra precocemente que conforme Teixeira (1896, p.48) “também poetas de notável inspiração”. Aos 17 anos escreve *Mocidade e morte* em homenagem a seu irmão Antônio José, que se suicidou por não suportar a morte da mãe. Segue um trecho do poema:

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cisne de douradas plumas:
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tona das espumas.
Vem! formosa mulher—camélia pálida,
Que banharam de pranto as alvoradas.
Minh'alma é a borboleta, que espanija
O pó das asas lúcidas, douradas...

Poeta da terceira geração do Romantismo, Castro Alves tinha uma poesia mais amadurecida em relação aos seus antecessores. Na primeira geração do Romantismo, classificada como indianista, tivemos como principal expoente Gonçalves Dias; na segunda geração, denominada mal d'século, tivemos como principais expoentes Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu; em ambos os casos, poemas pouco compromissados com questões sociais. De acordo com Teixeira (1896, p. 87) “soube observar as condições do meio, da raça e do momento, sendo por isso a sua obra de resultado muito mais prático, social e humano, que o de todos os outros nossos poetas”. O Poeta dos Escravos, além de cantar seu horror à escravidão, apresentava, de forma bastante realista, sem perder a estética romântica, tantos outros acontecimentos políticos.

Castro Alves também cantou o amor e as mulheres, só que sob uma ótica diferente de seus colegas da geração anterior: ele vivenciou o amor e encantou belas damas. De um lirismo extremamente sensual, suas poesias descrevem mulheres sábias do seu poder de enfeitiçamento e um poeta apto a conquistá-las. Para Teixeira (1896, p.51)

Ha um quê de mystico nas suas singulares creações femininas, como a Hebréa, a misteriosa mulher d'O Phantasma e a Canção, a virgem apaixonada d'O Hóspede, a puríssima vestal que ia tropeçando nas pyras do sacrário de sua alma...

A extrema sensualidade do poeta pode ser observado no poema Adormecida, conforme trecho abaixo:

Uma noite eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

Na sua vasta obra, construída em tão pouco tempo, o poema que talvez seja o mais conhecido seja Tragédia no Mar – O Navio Negreiro. Poema épico, sublime, escrito quando a doença lhe consumia o peito, mas que não o enfraquecia para visualizar o câncer que consumia a sociedade da época. Nele é narrado além da posição do poeta em relação ao tráfico de escravos, todo o sofrimento que passavam estes homens nus na travessia indigna.

Dessa maneira, nos versos citados de Castro Alves, é possível visualizar a sua maestria e as razões que o fizeram ícone da poesia brasileira.

3.2 A CIDADE DE CABACEIRAS DO PARAGUAÇU

A história da cidade de Cabaceiras do Paraguaçu gira em torno da família de Castro Alves. De acordo com Teixeira (1896) o avô de Castro Alves o Tenente Coronel José Antônio da Silva por volta de 1840 mandou erigir uma casa na Fazenda Cabaceiras, a qual se mudou seu filho, Dr. Antônio José Alves, recém-casado. Não se sabe a metragem da antiga fazenda, mas pesando as proporções das fazendas na época, deve ser boa parte do território do município ou parte dele.

Parte integrante da Freguesia de São Pedro do Monte de Muritiba, atual município de Muritiba, conforme Boaventura (2006, p.139), o povoado tornou-se distrito da cidade pela lei municipal nº628, e tornou-se cidade apenas na promulgação da lei nº5.010 de 133 de junho de 1989, no governo de Nilo Coelho. Vale ressaltar, que o parque Histórico Castro Alves já contabilizava quase trinta anos e atraía muitos turistas para a localidade, fato que influenciou na emancipação do distrito.

De acordo com dados do último censo realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – a cidade conta com 17.327 habitantes, território de 226,022km², composto pela sede Cabaceiras do Paraguaçu e o distrito de Geolândia e densidade demográfica de 76,66 hab/km². De acordo com Boaventura (2006, p.141) o município está inserido no Polígono das Secas, com uma média anual de 800 a 1000 mm/ano, com relevos de tabuleiros interioranos. A renda do município é tirada principalmente no cultivo de feijão, fumo, milho, mandioca e alguns outros produtos para subsistência e a criação de caprinos e bovinos.

O acesso a cidade de Cabaceiras do Paraguaçu e conseqüentemente ao Parque Histórico Castro Alves pode ser realizado por duas rodovias federais. Caso o visitante opte pela BR-101 ao alcançar a cidade de Governador Mangabeira, que margeia a rodovia encontrará um canteiro com um obelisco demarcando a entrada para a cidade natal do poeta dos escravos que é alcançada após 18 km. Caso opte pela BR-116, passará por feira de Santana, depois chegará à cidade de Santo Estevão e as margens do rio Paraguaçu, no porto denominado Castro Alves, antigo Papa Gente, para a travessia de balsa; já em cabaceiras do Paraguaçu, o museu é distante do rio 2 km. Fácil de encontrar, ao chegar à cidade basta dirigir-se a Praça da Igreja Matriz para encontrar a entrada do parque, no centro da cidade.

3.3 PHCA: UM MUSEU PARA UM POETA

É imenso o orgulho dos habitantes das cidades onde Castro Alves passou parte de sua vida, mesmo que por momentos breves, mas por todos os baianos, que se viram representar na obra de um poeta que fez da poesia porta-voz da representatividade das angústias, clamores e amores de um povo.

A criação do Parque Histórico Castro Alves em 1971 gira em torno da exaltação do poeta máximo da Bahia, a partir da preservação do local de seu nascimento, o que na Museologia denominamos preservação de lugares de memória. O pioneirismo, do então secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia, Edivaldo Boaventura, na gestão do Governador Luís Viana Filho, em criar um museu parque que enaltecesse não apenas as questões ambientais, mas o aspecto histórico e biográfico de um representante tão ilustre do povo fez com que este se transformasse no Museu de Castro Alves, alvo de verdadeiras peregrinações por admiradores do poeta.

Contudo, muito antes da criação deste espaço, ainda no século XIX, o local do parque, antiga Fazenda Cabaceiras, já era alvo de visitantes ávidos por conhecer onde deu os primeiros passos o poeta dos escravos. Nestas visitas, além da descrição do espaço físico é possível visualizar a descrição da antiga casa. O engenheiro Pereira Franco, de passagem pela região em 1890, descreve-nos a antiga fazenda:

“Quando nos aproximamos da fazenda descobri um pequeno capão de mato, em forma de bosque, do qual me recordo, existia em outros tempos, e notei aos companheiros de viagem que estávamos perto da casa onde nasceu o poeta dos escravos. Com efeito, avistei logo as roças que vinham até a estrada e, do lado direito desta, uma habitação toda campestre, tendo nas imediações um velho umbuzeiro, alguns cajueiros e coqueiros antiqüíssimos.” (2006, p.54)

Em visita também a antiga fazenda, o sobrinho de Castro Alves, Antônio José Alves Guimarães, narra o que viu em texto publicado no diário da Bahia em 14 de março de 1895:

“Modesta, espaçosa, é construída no estilo das casas das fazendas. Térrea, abriga-a na frente e aos lados uma larga varanda. Os reparos que tem sofrido mal escondem aos olhos do observador o estado de estrago em que se acha a velha casa gloriosa. Gloriosa, porque em suas paredes que se vão fendendo guarda as primeiras palavras balbuciadas, em seu solo hoje esboroadado os primeiros passos vacilantes ensaiados por aquela criança sublime, como chamara-o Chateaubriand a Victor Hugo. Nas modificações por que tem passado em seu interior foi respeitado o cômodo onde a Poesia velera como o anjo da guarda o primeiro sono do seu filho dileto. Cômodos outros servem atualmente de depósito de fumo e cereais.”

Ambas as descrições remontam a uma casa antiga de fazenda ladeada por janelas e com amplo terreiro com árvores frutíferas. É notório, na segunda descrição, o estado lastimável em que se encontrava a residência. Quando a criação do parque, a casa já não mais existia apenas uma escola rural. De acordo com Boaventura (2006, p.59), depois de passar por sucessivos donos, por causa de uma briga por herança motivou a demolição da casa “ficando cada uma das partes litigantes com a metade dos destroços”. A antiga casa, atualmente, pode ser visualizada, por foto, na atual exposição do museu.

A preservação da residência onde nasceram ou viveram ilustres artistas é bastante comum. Na Europa, são inúmeras as residências que levam à porta a marca do filho ilustre, sendo incluídas constantemente nas rotas de turismo. No Brasil, exemplo de residência como local de memória de uma cidade é a da poetisa

Cora Coralina em Goiás Velho. A casa da ponte, também como é conhecida, mesmo antes da moradora tornar-se famosa nacionalmente era marcada por conta das histórias da família e da própria moradora. Após sua fama e morte, Cora Coralina e a casa fazem parte do imaginário da cidade, que se apropriou e fez dela referência, com a criação de vários discursos a respeito do edifício e da antiga proprietária.

Figura 05 – Casa do PHCA



FONTE: autora (2012)

A preservação do local de nascimento do poeta se insere em um movimento de preservação de locais de memória que ocorrem em diversos países, mesmo antes da Nova Museologia, que expande para o território e para a comunidade as ações museológicas. Quando houve a pretensão da criação do Parque Histórico Castro Alves, Boaventura visitou o parque de Warteloo, onde se deu a batalha decisiva de Napoleão, próximo a Bruxelas, e o parque Nacional e Militar de Gettysburg, na Virgínia, local da batalha decisiva da guerra civil americana, para inspirar-se e ver os resultados obtidos com tais iniciativas. O sucesso da preservação destes locais de memória no exterior foi decisivo para a iniciativa de criação do parque, que foi o primeiro no Estado da Bahia.

É importante ressaltar, antes de descrever o processo de criação do Parque Castro Alves, o amor e devoção dedicados ao poeta. As datas de seu nascimento e de morte sempre foram fortemente lembradas pelos jornais, Academia de letras, clubes de literatura e pela gente comum. Para ilustrar tal afirmativa, observem um trecho do Diário da Bahia de 07 de julho de 1896:

Castro Alves foi o vosso verdadeiro Messias, o vosso libertador. Pois bem: todos os anos no dia do seu passamento, organisai uma procissão cívica, e ide todos, ricos e pobres, sábios e ignorantes, moços e velhos cobrir-lhe o túmulo de flores. Será a mais cabal demonstração de quanto sois gratos e nobres; porquanto taes procissões são o apanágio das civilizações modernas, dos espiritos cultos altamente progressistas. (TEIXEIRA, p.246)

Um episódio que fortaleceu a vontade de criar-se um espaço de valorização do poeta aconteceu nas comemorações do centenário de nascimento do poeta, em 1947, através, mais uma vez de manifestações entusiasmadas de um espaço para o poeta, inclusive na antiga fazenda foi colocado um marco neste mesmo ano. Entretanto, foi no prenúncio das comemorações do centenário de falecimento do poeta que nasceu a proposta de criação do parque, organizado entre novembro de 1970 e março de 1971. O anúncio de tão importante notícia foi veiculado no jornal A Tarde de 20 de novembro de 1970 afirmando que “(...) há previsão de inauguração do parque Castro Alves, como ponto alto nas recordações daquele centenário do poeta” (BOAVENTURA, 2006, p.37). Sem a criação de empecilhos, por conta da vontade de criação de todas as camadas da sociedade no desenvolvimento do parque, apenas necessitava-se de tempo hábil para as questões burocráticas, visto que o mandato do então governador estava no fim. A respeito da participação de diversos membros da sociedade baiana, um relato de Boaventura (2006, p.87) mostra a extrema singeleza por trás da participação de Pedro Calmon no projeto do parque

Desenhou a fachada com um arco onde escreveu com sua letra miúda Parque Histórico castro Alves. Advertiu-me que o local era modesto e não comportava um arco imponente. Na planta que ia criando, localizou a pequena escola rural e a fonte já existentes. Deteve-se, naqueles poucos minutos, no esboço da casa da fazenda com oito janelas, sala de exposição e salas de aulas. Calculou ainda em 150 metros a distância da entrada à casa. Não contente com aquele pequeno debuxo, refez o desenho com tinta.

Durante este período, em documentos elencados por Boaventura, nota-se a rapidez nos despachos que culminaram na criação do Parque a tempo das comemorações serem realizadas no espaço. Foram delegadas funções para diversos profissionais, como por exemplo, o projeto topográfico ao engenheiro Hildérico Pinheiro de Oliveira, e a criação do acervo e exposição a um grupo de artistas e eruditos, como veremos no subitem posterior. A direção do parque inicialmente coube as professoras primárias da escola (2006, p. 102).

Posteriormente, quando necessário, no decorrer dos anos 80 e 90, houve a ampliação das instalações do museu, com a construção de auditórios, ampliação da pequena escola rural para colégio, dentre outras obras menores, a fim de o Museu Parque Castro Alves exercer suas funções de espaço de produção de conhecimento e cidadania, no uso completo do termo. Dessa forma, atualmente o Parque consta com: uma casa com exposição permanente, auditório, biblioteca, administração, casa do administrador, guarita, garagem, colégio, área coberta ao ar livre (Pouso de Adelaide), nascente, árvores e marcos espalhados em diversos locais.

3.3.1 A dimensão

Área aproximada do PHCA é de 51,388,50m² desapropriada do Sr. Martinho Florêncio dos Santos. Boaventura (2006, p.199) nos apresenta o laudo de avaliação, de 11 de janeiro de 1971, sob a comissão Antônio Pires da Cruz Silva (engenheiro), João Batista Marinho Ferreira (arquiteto) e Raul Rodrigues Cajado (engenheiro) que calcularam o valor de Cr\$12.000,00 (doze mil cruzeiros) como indenização paga pelo governo para criação do parque.

Figura 06 - Aspecto geral do parque



FONTE: autora (2012)

A área do parque é ocupada além de instalações como a guarita de entrada, casa do museu, casa do administrador, Pouso de Adelaide, a fonte, marcos da fazenda e comemorativos, com a escola Edivaldo M. Boaventura. Tudo isso é cercado, com muros (recentemente construído na lateral esquerda do parque) e cerca na parte baixa do parque onde se encontra a fonte.

Figura 07 – Muro que limita o espaço do parque (parte alta)



FONTE: autora (2012)

Figura 08 – Cerca que limita o espaço do parque (parte baixa)



FONTE: autora (2012)

2.3.2 O discurso expográfico

Durante os seus quarenta e um anos de funcionamento o museu teve quatro exposições permanentes ou de longa duração. Para Herreman (2004, p.100) as exposições são classificadas de diversas formas, sendo esta tipologia de exposição classificada também de exposição principal, pois trabalham com a “linha histórica ou tema principal do museu”. O oposto para todas as nomenclaturas acima, seriam exposições temporárias ou de curta duração.

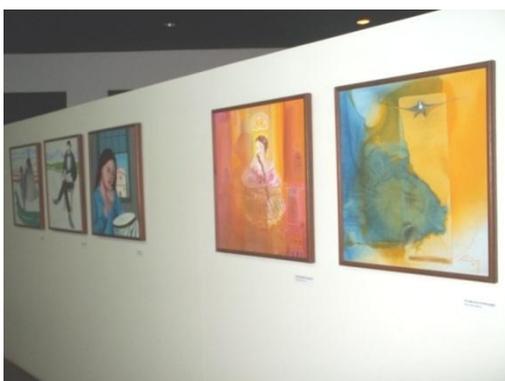
A primeira exposição do PHCA foi concebida pelo professor Valentim Calderón, na época diretor do Departamento Cultural da UFBA, com a colaboração da professora de gravura Jacira Oswald e do professor e fotógrafo Ailton José Oliveira Sampaio (BOAVENTURA, 2006, p.94). Para a montagem da exposição era necessária a seleção de peças que tivessem um vínculo com o poeta, sendo

transferidos, do antigo Museu do Estado, uma escrivaninha e um jarro, oriundos do Teatro São João (BAVENTURA, 2006, p.102)

A segunda exposição concebida foi realizada na revitalização de 1985. Além do trabalho de paisagismo e melhores instalações para o museu e acesso houve, “a remontagem do acervo, enriquecido com a geração 70”. Dentro deste projeto foram utilizados como recursos expográficos “painéis articulados com moldura de ferro, vitrines e elevados”, para o acervo, “documentos, objetos e livros”, relacionados a vida e obra do poeta, além do período histórico. A exposição ainda foi dividida em áreas, ou campos, sendo três: o homem Castro Alves, vida e obra e consagração (BOAVENTURA, 2006, p.119-120).

O principal recurso utilizado para a concepção da exposição de 1985 foi à produção, por diversos artistas baianos, de pinturas inspiradas no poeta ou na sua obra, coordenados por Reynivaldo Brito, crítico de arte. Participaram desta iniciativa, segundo Boaventura (2006, p.120), Fred Schaeppi, Chico Diabo, Guache, Florival Oliveira, Astor Lima, Zivé Guideice, Murilo, Justino Marinho, Maso e Bel Borba. Ainda hoje podendo ser visualizada na exposição atual, as obras expressam a admiração destes artistas pelos poetas assim como o que se faz mais marcante em sua vida e obra.

Figura 09 - Pinturas em homenagem a Castro Alves na exposição atual



FONTE: autora (2012)

A terceira exposição de longa duração do PHCA, conforme Boaventura (2006, p.1999) foi inaugurada em 1999, concebida pelo museólogo Helder Mello. Perdurou até março de 2011, quando se instalou a exposição atual. Dividida em quatro ambientes foi a exposição mais vibrante e interativa que teve a instituição. O primeiro espaço, Castro Alves e seu tempo, apresentava a contextualização histórica, segunda metade do século XIX, com objetos, painel ilustrado e bonecos

vestido à moda da época. O segundo espaço, destinado a família do poeta, trazia a árvore genealógica, fotos da família, das casas onde moraram e objetos pessoais para àqueles que gostam de perceber o mito na sua intimidade familiar. O terceiro espaço, o legado, tratava, através de diversos recursos expositivos, painéis móveis, fones de ouvido, gaveteiro iterativo e painel fixo de bilhetinhos ao poeta, as características da sua obra e importância, incluindo frases de grandes acadêmicos baianos a respeito do poeta. O quarto e último espaço tratava das homenagens, neste espaço estavam as obras realizadas para a exposição de 1985 além de um espaço para a exibição de um documentário de Sílvio Tendler. Este circuito, mesmo pequeno, tinha um mapa na recepção do museu.

Ainda a respeito desta terceira exposição de longa duração do PHCA com a utilização de recursos expográficos de interação simples, pouco texto, ilustrações e monitoria, com circuito curto e com as janelas abertas em que olhar a paisagem do interior da casa torna-se um elemento expositivo a mais na exposição, era perceptivo a integração entre a exposição e o ambiente. Todavia, a exposição não tratava de questões ambientais ou fazia algum tipo de alusão a fauna e flora do parque.

A exposição atual do PHCA foi realizada pela DIMUS na coordenação de Daniel Rangel. Tem como base o objeto como destaque ou o uso do modelo do cubo branco usado por muitos anos por Alfred Barr no MOMA². Ambientações dão lugar a vitrines brancas e o número de informações e ilustrações foram drasticamente reduzidos. Entretanto, para Costa (2009), nem sempre o ambiente branco valoriza a obra de arte e não existe ambiente neutro, pois qualquer espaço pode difundir uma determinada ideologia.

A idéia da atual exposição é levar o visitante a observar a obra do poeta através de diversos formatos: manuscritos, publicações, declamações, áudio-vídeos e telas que interpretam os poemas.

² MOMA: Museu de Arte Moderna, Nova York.

Figura 10 - Entrada da atual exposição do PHCA



FONTE: autora (2012)

Na exposição atual continuou o mesmo número de ambientes utilizados como a anterior (quatro). A primeira sala ao invés de fornecer um panorama histórico no período como no anterior apenas fornece a cronologia do poeta através de texto em adesivo sem qualquer ilustração. Sua vida e obra acabam tornando-se atemporais. Foram colocadas vitrines brancas que formam um grande quadrado no centro da sala com fundo vermelho com livros antigos sobre o poeta, manuscritos, passaportes de escravos, uma gravata que pertenceu ao poeta e um desenho feito por sua irmã Adelaide sem qualquer informação em etiquetas, apenas as proferidas pelo monitor. A escrivaninha que na exposição anterior tinha uma ambientação, na exposição atual fica exposta sobre uma plataforma branca. O ambiente tornou-se pouco acolhedor.

Figura 11 – Sala 01 da exposição atual do PHCA



FONTE: autora (2012)

O segundo e terceiro espaço a modificação foi ainda maior. Na sala dois onde antes ficava a história e vida familiar do poeta já não existe mais, alguns dos objetos passaram a integrar a maxi vitrine do ambiente anterior; na sala, atualmente, apenas alguns *pufs* e a sonorização de poesias declamadas.

Figura 12 – Sala 02 da exposição atual do PHCA



FONTE: autora (2012)

No espaço três todos os painéis com informações, interatividade e ilustrações foram substituídas por um grande suporte onde de um lado estão expostas as pinturas realizadas para homenagear o poeta em 1985 e do outro uma pequena arquibancada para assistir um vídeo sobre poesias. No formato em L, no canto da sala três *nootbooks* completam a exposição para acesso a internet de um curso de capacitação que não se concretizou.

Figura 13 – Sala 03 da exposição atual do PHCA



FONTE: autora (2012)

Figura 14 – Sala 03 da exposição atual do PHCA



FONTE: autora (2012)

Figura 15 – Sala 03 da exposição atual do MPHCA em uso



FONTE: autora (2012)

Por último, o espaço quatro atualmente é utilizado como espaço expositivo, recepção e guarda-volume, desnecessário nessas proporções pelo tamanho do museu.

Figura 16 - Sala 04 da exposição atual do PHCA



Fonte: autora (2012)

Figura 17 – Recepção



FONTE: autora (2012)

Além da mudança do formato da exposição e da forma de transmitir a mensagem ao público visitante, houve ainda outras mudanças. As grandes janelas do museu, sobretudo nas salas 2 e 3 ficam fechadas por causa da instalação de aparelhos de ar-condicionado impedindo o contato com a natureza quando o visitante está no circuito expositivo. A questão ambiental continua a não ser contemplada na exposição, exceto pela citação de poesias de Castro Alves do livro *A Cachoeira de Paulo Afonso*. A iluminação também foi modificada, limitando o uso da iluminação natural para o uso de trilhos e pontuais.

Além do circuito expositivo interno (dentro da casa da antiga fazenda), há ainda o circuito expositivo externo (que usa toda a área do parque). Sinalizado, com recursos expositivos simples, é fácil acessar marcos da fazenda, antigo mourão, o pouso de Adelaide ou a fonte. Percorridos sem o auxílio de guia permite um contato do visitante com o parque e seus recursos naturais. Quando solicitado os monitores percorrem com o visitante o parque e o setor de educação patrimonial realiza algumas atividades na área externa do parque.

Para percorrer o caminho que leva até o pouso de Adelaide, a fonte ou a casa do administrador foram colocadas pegadas gigantes (fig. 18) para incentivar o visitante a percorrer aquele espaço e facilitar o acesso.

Figura 18 - Forma de acessar espaços no parque



FONTE: autora (2012)

Outra forma de acesso é a escada que desce para a fonte e a Cruz da estrada, neste caso falta à instalação de um corrimão, por conta da descida ser totalmente íngreme, para maior segurança dos visitantes.

Figura 19 - Escada de acesso para a fonte



FONTE: autora (2012)

A fonte (fig. 19) é o espaço mais afastado da casa do museu. Alguns visitantes hesitam em conhecê-la por achar perigoso ou dificultoso, mas é recompensador visitá-la. Um olho d'água que recebeu durante a instalação do parque o aspecto de fonte nos remete ao uso deste tipo de recurso para as atividades domésticas. O contato com a natureza é forte, com pássaros cantando as sombras das árvores.

Contudo, a fonte necessita de tratamento melhor quanto aos seus aspectos funcionais e estéticos.

Figura 20 - A fonte



FONTE: autora (2012)

No mesmo local onde se encontra a fonte o visitante também pode visualizar a cruz da estrada, relacionada a ponto de passagem de tropeiros.

Figura 21 - A cruz da estrada



FONTE: autora (2012)

Contudo o espaço mais visitado e mais comentado dentro do PHCA é aquele dedicado a irmã do poeta, o pouso de Adelaide (fig. 22). Local de descanso, contemplação, ideal para um piquenique com a família, o caramanchão no centro do

parque irresistível para visitantes e comunidade. De estrutura simples, sua beleza está em fornecer um refúgio em meio à natureza.

Figura 22 - Pouso de Adelaide



Fonte: autora (2012)

Há ainda outros elementos que fazem parte do circuito expositivo externo do PHCA. São eles o mourão da fazenda e marcos comemorativos.

Figura 23 - Mourão da fazenda



FONTE: autora (2012)

Figura 24 - Marco comemorativo



FONTE: autora (2012)

A maneira a qual é organizada o circuito expositivo externo leva o visitante a curiosidade de conhecer toda a extensão do parque. Placas com indicação dos locais para serem visitados e as pegadas para orientar o visitante foram suficientes para indicar o que existe para ser visitado sem criar um roteiro pré-definido. A questão ambiental é trabalhada pela valorização da topografia do terreno, da nascente existente e da fauna e da flora.

Figura 25 - Placas de localização de elementos expostos no parque



FONTE: autora (2012)

Não há dentro da exposição da casa do museu qualquer referência a questão ambiental do parque ou um folder relacionada a temática, ou sequer no folder de divulgação da instituição alguma nota a respeito da temática (vide anexo A), oficinas ao ar livre voltadas para o meio ambiente são realizadas numa frequência esparsa. A grande dificuldade do PHCA para a realização de atividades relacionadas à questão ambiental relaciona-se a falta de ferramentas e pessoal. Os cuidados com os espécimes também é outra necessidade visto que o controle de pragas e fungos não pode ficar sob o controle de simples jardineiros, contudo a falta de recursos dificulta o tratamento de pragas. Apenas cuidados mínimos são prestados as plantas como poda e água.

Contudo há um grande problema encontrado no discurso expográfico em toda a extensão do parque. Por tratar-se de uma instituição que tem em seu acervo fauna e flora, ou seja, espécimes vivos são necessários esclarecer ao visitante quais as plantas e bichos encontrados na área do parque. No que diz respeito às plantas, a colocação de uma placa com o indicativo do nome científico, nome popular, local de

origem e incidência da espécie na região solucionaria o problema do visitante que não conhece árvores bastantes comuns na nossa região como as mangueiras e as geremeiras. No que diz respeito aos animais como pássaros, insetos e mamíferos, como não ficam presos na área do parque, a colocação de alguns totens informando quais espécimes de animais podem ser visualizadas na área do parque também resolveria de forma simples a falta de informação. Tal iniciativa pode ser visualizada no Museu Paraense Emílio Goelgi, como nos apresenta Jacobucci (2008, p.10)

“Algumas espécies vegetais apresentam plaquetas de identificação com nome científico e nome popular. Os recintos de animais possuem painéis com fotografia, nome científico e popular das espécies e informações sucintas sobre distribuição geográfica, hábito alimentar e reprodução.”

A ideia apresentada acima não envolveria um alto custo de recursos financeiros, podendo ser realizada uma parceria com Universidades ou órgãos de pesquisa do governo para a realização de estágios para pesquisa das espécimes e realização das identificações necessárias. Partindo para umas ideias ainda mais amplas ou universalizante, a realização da identificação de espécimes dentro de um museu específico, no caso do PHCA, e a comparação com museus parques que tenham uma fauna que se assemelhe e se diferencie enriquece um discurso expográfico relacionado às questões ambientais. Para Chagas (1985, p. 7)

Um museu por mais específico que seja deve partir para extrapolações que o levem a uma universalização. Um museu de fauna, por exemplo, não poderá (a menos que queira imobilizar-se) apenas se deter nos espécimens que compõem o seu acervo, deverá antes estudar e apresentar as relações e inter-relações, biológicas e ecológicas, existentes entre as mais diversas formas de vida e o meio em que vivem; nesta ordem de idéias, mesmo os problemas de saúde e higiene, que afetam ao homem, não lhe serão estranhos.

Um museu que trabalha de maneira satisfatória com a questão ambiental oferece aos seus visitantes as informações necessárias sobre o seu acervo e faz associações com outras realidades, realiza trabalhos científicos e divulga, oferece monitorias e eventos relacionados ao tema ou interligados, compreende o seu papel na sociedade e cumpre. Um museu parque ou ecomuseu deve oferecer aos seus visitantes um trabalho de educação ambiental no seu discurso expográfico condizente com os objetivos da criação da instituição.

3.3.3 A questão ambiental

Desde a sua criação, a questão ambiental esteve inserida nos objetivos da criação do Museu Parque Castro Alves, até porque, caso contrário, fere a sua característica de parque. A pretensão da instituição encontra-se em uma placa fixada na entrada (fig. 26). Com a criação do parque resguardou-se o meio da Fazenda Cabaceiras, conseqüentemente os aspectos físicos do local onde se deu o primeiro contato do poeta com a natureza.

Figura 26 – Objetivos do parque



FONTE: autora (2012)

A criação do Parque Histórico Castro Alves insere-se num movimento nacional de criação de parques pelo presidente Médici (1971-1974). A criação de parques históricos visa, na sua maioria, a educação ambiental, o ecoturismo e a perpetuação de locais de memória. São exemplos de parques naturais o da Chapada Diamantina, do Descobrimento, dos Abrolhos, todos no estado da Bahia. A aprendizagem em parques ecológicos configura-se em experiência em lócus.

No parque é possível encontrar espécimes de arbóreos e arbustivos típicos da região, como geremeiras e cactos. É notável, todavia, a preocupação em embelezar o ambiente na entrada do Parque Histórico Castro Alves do museu e em torno da casa do museu, com o plantio de flores e plantas arbustivas. Segundo Boaventura (2006, p.122), em 1986 houve o “plantio de palmeiras imperiais, ouricuris, bougainvilles, alamandas, bromélias, isto é, espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas”. A renovação da paisagem, conforme o autor foi realizada pelo engenheiro agrônomo José Inácio de Andrade Souza com paisagismo de Luiz Fernando Sampaio Franco. Muitos dos exemplares ainda hoje encontrados são ainda os plantados nesta data, contudo nota-se a renovação constante das plantas ornamentais do espaço.

Figura 27 – Plantas que embelezam o entorno da casa



FONTE: autora (2012)

Figura 28 – Plantas que embelezam o entorno da casa



FONTE: autora (2012)

Entretanto, quanto às árvores, em especial as frutíferas, encontram-se infestadas por diversas pragas, desde as popularmente conhecidas como ervas - daninha até variados fungos. As mangueiras, por exemplo, de forma seqüenciada, secam as folhas por completo deixando de produzir frutos. Todas as mangueiras do Parque encontram-se, parcial ou completamente, secas.

Figura 29 – Mangueiras doentes do PHCA



FONTE: autora (2012)

Figura 30 – Mangueiras doentes do PHCA



FONTE: autora (2012)

As péssimas condições de saúde em que se encontram algumas árvores são decorrentes da falta de um profissional especializado em botânica ou áreas afins para cuidar das plantas. Todo o serviço de jardinagem, como poda de plantas e adubagem, são efetuadas sem a supervisão de um profissional da área. O que vem ocorrendo é a morte de diversas árvores por causas “inexplicadas”, e infelizmente, o PHCA, aos poucos, vai perdendo alguns dos seus exemplares da flora brasileira.

Figura 31 - Ausência de árvores no parque



FONTE: autora (2012)

A infestação e morte de algumas árvores frutíferas ocasionam a diminuição de moradores que freqüentam o Parque para retirarem os seus frutos. Ocorrem também com a diminuição de árvores o empobrecimento do solo e erosões, iniciadas pela falta de vegetação de médio e pequeno porte principalmente onde o relevo é mais irregular. Na imagem abaixo, nota-se uma ferramenta, vara de bambu, muito utilizada na retirada de frutos das árvores.

Figura 32 - Árvores frutíferas



FONTE: autora (2012)

No período de grande estiagem é comum o uso de mangueiras para molhar as plantas, em especial, as próximas ao edifício do museu.

Figura 33 - Cuidados no período de estiagem



FONTE: autora (2012)

Relativo à questão ambiental em projetos de educação ambiental realizados no parque e na exposição de longa duração tudo é muito vago. Não há um membro da equipe voltado para as questões ambientais como preservação do meio ambiente e diálogo entre este e a sociedade. Os monitores, quando realizam trabalhos na área externa, falam da importância da questão ambiental, mas atualmente falta um projeto contundente voltado para este segmento. Na exposição atual, como dito anteriormente, não há referências quanto a questões ambientais, visto que um museu parque deveria abordar, por exemplo, o que é meio ambiente, por que deve ser preservada, qual a relação entre a perpetuação daquele espaço e a sociedade, a influência do meio sobre a obra de um artista, etc. Na realidade a extensa área do parque recebe o tratamento de área destinada ao lazer do visitante sem motivação ao aprendizado e trocas de conhecimento científico.

Visto a importância da área do parque para caracterizá-lo como reduto da fauna e da flora da região, um trabalho de monitoria, oficinas e seminários específicos a respeito do tema seriam uma tarefa inicial para a abordagem da questão ambiental no PHCA. Afinal, se na sua origem foi denominado como Parque Histórico, a questão ambiental deve ter o mesmo grau de importância da historicidade, no caso, a biografia do poeta ali nascido e a justificativa para a criação do parque.

Os limites impostos ao aproveitamento do parque são, sobretudo, financeiros. Com a DIMUS (Diretoria de Museus) sem verba suficiente para aplicar aos museus baianos, fica difícil solicitar, por exemplo, fertilizantes e profissionais da área de engenharia ambiental e ciências biológicas, por exemplo, para a Secretária de Cultura e Turismo do Estado. Para a comunidade obter um museu que possa oferecer um serviço de melhor qualidade aos seus usuários cabe a participação dos mesmos na construção da instituição, através do voluntariado e da solicitação junto às autoridades competentes, pois conforme Moraes (2005, p.42) “o uso racional dos recursos, o respeito pelo patrimônio natural nacional, políticas territoriais não dilapidadoras, tudo passa pelo controle que a sociedade exerce sobre o Estado”.

A área do parque é um laboratório a céu aberto e tem potencialidade para a relação de diversos estudos relacionados à questão ambiental. Podem ser observadas além da fauna e flora, questões climatológicas, geológicas, topográficas, etc. Muitos benefícios podem ser obtidos para a instituição ao realizar parcerias com instituições de pesquisa da própria região, que disponibiliza profissionais gabaritados e estagiários para a realização das atividades, basta realizarem os convênios.

A questão ambiental dentro de um museu-parque não pode ter um papel de coadjuvante na sua composição, pois a área é o seu território e a fauna e flora seus objetos. O museu deve se integrar com o homem, o meio ambiente e a sociedade de maneira igual. Os ecomuseus e museus parques estão a serviço da comunidade, não são repositórios de objetos, mas formadores da cidadania. Para Chagas (1985, p.5) “o elemento mais importante para estes museus não é o objeto, mas o homem como criador, conservador e destruidor de suas próprias criações”. Investir na divulgação e na realização de atividades ambientais, e investir no futuro do homem.

4. ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DO PÚBLICO INTERNO E EXTERNO DO PHCA

Neste capítulo foram analisadas as respostas dos 50 questionários aplicados no PHCA, sendo 10 para o público interno e 40 para o público externo. Será aqui evidenciado o perfil do usuário – idade, sexo, profissão e número de vezes que visitou o parque – como também serão elencadas as principais respostas a respeito da importância da preservação ambiental, se já participou de algum evento relacionado à questão ambiental, além de outras perguntas contidas no questionário que enfatizam o desenvolvimento de atividades voltadas para o meio ambiente no parque.

Os questionários para público interno (vide apêndice A) e público externo (vide apêndice B) foram aplicados em três domingos alternados durante os meses de agosto e setembro, devido a não haver nenhum evento cultural no parque que trouxesse um número muito alto de visitantes, como o atípico 14 de março. Os questionários de público externo foram aplicados a pessoas de diversos níveis sócio-culturais, idade e sexo, para demonstrar a diversidade do público que frequenta o PHCA e sua relação com este espaço de convivência.

4.1 ANÁLISE DO PÚBLICO INTERNO

Foram aplicados 10 questionários ao público interno da instituição, ou seja, funcionários, para a análise de sua relação com o discurso expográfico do parque e questão ambiental.

Perguntado a respeito do aspecto em que lhe chama mais a atenção do museu, dos dez entrevistados, apenas um afirmou ser o parque, dois a relação do parque com a comunidade, e o restante determinados aspectos da exposição do museu como a vida e obra do poeta e os manuscritos expostos. Conclui-se, com as respostas, que a dimensão do parque e seus aspectos naturais não chama tanto a atenção do público interno. Conforme respostas abaixo:

- O funcionário, A. V. M., há 10 meses no museu, diz que o que lhe chama mais a atenção é “o vínculo do museu com a comunidade”;

- A funcionária, B. B., também há 10 meses no museu, diz que o que lhe chama mais a atenção “é a temática, o número de visitantes que atrai e a origem de diversos lugares”;

- A funcionária, C. S. S., há um ano no museu, diz que o que mais lhe surpreende é “os eventos que acontecem e como o museu faz para que a comunidade esteja sempre presente”.

Perguntado ao público interno, o que significa para eles museu-parque, encontramos respostas variadas, desde muito próximas a definição de ecomuseus e museus-parque até respostas totalmente confusas e vagas. Tal questionamento teve o fundamento de evidenciar se o público interno está familiarizado com a tipologia de museu que ajuda a construir. Ficou evidenciado a necessidade de trabalhar a definição e os objetivos do museu com a equipe. Seguem as respostas que mais se aproximaram da definição de museu-parque e ecomuseus:

- O funcionário D. S., há dezoito meses no museu, nos diz que “é um lugar onde se encontra um acervo de alguém ou algo que marcou nossa história no antepassado”;

- O funcionário R. O., há dez anos no museu, no define como “museu que contempla a história em sintonia com a natureza, preservação e correlacionando ambas”;

- A funcionária C. S. S., nos diz que “é uma instituição sem fins lucrativos, que conserva objetos para que a sociedade possa contemplar”;

- A funcionária B. B., define como “um museu que tem atrelado a sua expografia a contemplação da área ambiental”.

Quando perguntado sobre o que mais agrada na exposição do museu, todas as respostas foram voltadas para objetos do discurso expográfico interno, em especial os manuscritos, objetos que pertenceram a família do poeta e painéis. A questão ambiental não apareceu em nenhuma resposta, devido a ausência de qualquer relação entre a vida e obra do poeta do discurso do circuito interno de exposição e a não classificação do circuito expositivo externo do parque como exposição.

Contudo, quando perguntado se a questão ambiental é contemplada no discurso expográfico do parque, houve um empate em cinco negações e cinco afirmações, mas sem ninguém exemplificar, no caso das respostas afirmativas, quais eram os recursos.

Quando perguntado se a questão ambiental é discutida nos eventos que ocorrem na instituição, houveram nas dez respostas encontradas, quatro afirmações, quatro negações e dois “as vezes”. Conforme as respostas abaixo:

- O funcionário R. O., nos diz que “atualmente não, porém em outros projetos questão ambiental sempre esteve presente nas ações desenvolvidas no parque”;
- O funcionário A. V. M., nos confirma, contudo com uma ressalva, “Sim. Durante todo o tempo que estou no museu isso não aconteceu, mas sei que a questão ambiental já foi discutida em vários eventos”;
- A funcionária C. S. S., a respeito nos diz que “sempre é discutido sobre a preservação do meio ambiente, há plantio de mudas no local”.

Perguntado ao público interno se dentre eles há um colaborador específico para trabalhar com as questões ambientais com o público visitante, houve duas afirmações e oito negações. Em um sim foi citados como responsáveis pela questão ambiental do museu, a diretora Alba Boente e Luiz, que também faz parte da direção do parque. Fica evidente que não há um profissional habilitado e exclusivo para tratar das questões ambientais.

Foi perguntado também ao público interno se há dentro do parque depredação do meio ambiente, em que em dez questionários, houve nove negativas e apenas uma afirmação. A resposta em afirmação deve-se, segundo o entrevistado, a colheita de frutas em algumas árvores do parque, que de forma indevida, causa prejuízo às plantas.

Por último, foi perguntado onde os visitantes passam mais tempo se na exposição ou circulando pelo parque. Obtivemos três respostas afirmando a exposição da casa do museu como local preferido, uma com o parque em toda a sua abrangência e seis afirmando que ambos são igualmente procurados, conforme demonstrado abaixo:

- O funcionário, B. B. nos diz que “Os dois. Visita primeiro o museu e depois circulam na área. A comunidade frequenta diariamente a área do parque”;
- O funcionário, A. V. M., afirmou que “depende muito do visitante. Algumas visitam mais o museu e outros a área externa, porém, em geral, o tempo é bem dividido”.

Após analisar as respostas cedidas pelos funcionários do museu é necessário observar alguns pontos. Primeiro, é que eles não conhecem bem ou não conseguem definir a instituição que trabalham e seus objetivos sendo necessário um trabalho a

este respeito. A falta de um profissional voltado apenas para as questões ambientais também faz falta ao museu, visto que o assunto já foi discutido algumas vezes em eventos na instituição, mas sempre pela equipe do museu de uma forma geral e não por um profissional específico. Por fim, através do olhar do público interno, foi possível observar que os visitantes contemplam a área do parque, assim como a exposição da casa do museu, ambos a complementar a satisfação da visita.

4.2 ANÁLISE DO PÚBLICO EXTERNO

Foram aplicados quarenta questionários ao público externo do parque, visando compreender a visão que eles tem da instituição, do discurso expográfico e do meio ambiente.

Perguntado quantas vezes já haviam visitado o PHCA, dos quarenta entrevistados, trinta e um responderam mais de uma vez e nove a primeira vez. Dentre as motivações estão primeiramente conhecer a história da Castro Alves (trinta respostas), trabalhos com alunos (7 respostas) e realizar pesquisa escolar (três respostas).

Relacionado ao que chama mais a atenção no parque, obtivemos respostas variadas. Dentre os aspectos preferidos do público estão: Os poemas (14 respostas), foco central da atual exposição; os objetos pertencentes ao poeta e a família (11 respostas); o tamanho do parque (4 respostas); a organização do ambiente (3 respostas); a história de Castro Alves (2 respostas); a proximidade do museu com seu público (2 respostas); o excelente cenário (2 respostas); as artes (1 resposta); a conservação dos objetos históricos (1 resposta). O grande número de respostas optando pelos poemas e objetos do poeta foram na sua grande maioria de estudantes, que visitam quase diariamente a instituição e realizam pesquisas a respeito do acervo. A curiosidade pela vida do poeta somado ao convívio por parte dos moradores com aspectos naturais do parque e da cidade cotidianamente, faz de Castro Alves a procura central em detrimento das questões ambientais. Segundo alguns visitantes abaixo:

- O visitante, J.S.S., 16 anos, estudante, nos diz que “o melhor do museu é os poemas do poeta que gosto de ouvir”;
- O visitante, A. P.B., 47 anos, professor, a respeito do que lhe chama mais a sua atenção, “o excelente cenário do local, e as histórias do poeta”;

▪ A visitante, T. V. B., 15 anos, estudante, afirma que “para mim ver as coisas que foram de Castro Alves mata a minha curiosidade de como era a vida no tempo dele”.

A respeito da definição da instituição, perguntamos aos frequentadores o que entendiam por museu-parque. Assim como o público interno, obtivemos respostas confusas e vagas, com algumas ligadas a definição de museu. No geral, percebeu-se que os visitantes sabem que aquele local é para preservação de algo e convívio social, mas apenas quatro fizeram referência a questão ambiental. As outras respostas coincidiram em definir como local de história, centro histórico, local de guarda de coisas históricas, local de guardar a memória de Castro Alves, etc. As definições mais próximas foram:

▪ A visitante, S. S. C., museóloga, 26 anos, nos definiu museu-parque como “instituição permanente, sem fins lucrativos, aberta ao público e a serviço da sociedade que além de realizar todas as atividades de um museu, tem como seu espaço físico o território, seu acervo objetos e espécimes vivos e seu público a comunidade”;

▪ O visitante, A. P. B., professor, 47 anos, definiu como “algo bem interessante, a paisagem e é claro tudo com o meio ambiente: preservação”;

▪ A visitante, A. M. A., professora, 37 anos, tem como sua definição “creio que seja essa mistura entre a manutenção da memória e a preocupação com o ecológico”;

▪ O visitante, A. J. S., estudante, 19 anos, definiu como “exploração do acervo e meio ambiente bem conservado”.

Ao perguntar o que mais agrada na exposição do museu, as respostas foram variadas, contudo, com maior concentração nos objetos, demonstrando que a parte tradicional da exposição, com objetos expostos na vitrine continua a agradar maior parte do público. Foram as respostas: objetos (8 respostas); poemas (3 respostas); organização e criatividade (3 respostas); espaço físico (3 respostas); áudio de poesias (2 respostas); vídeo (2 respostas); *pufs* (2 respostas); fotografias antigas (1 resposta); a história (1 resposta); pinturas (1 resposta); escrivinha do poeta (1 resposta); passaporte de escravos (1 resposta), bonecos com roupa de época (1 resposta); sapato da irmã do poeta (1 resposta).

Quando perguntado se a questão ambiental é contemplada no discurso expográfico da exposição do PHCA, obtivemos onze sim contra vinte e nove não.

Poucas pessoas justificaram a resposta, ficando evidente que ficaram confusas ao opinar nesta pergunta, ficando mais fácil dizer que não há um trabalho voltado para a questão ambiental dentro do discurso expográfico. Dos poucos que justificaram obtivemos as seguintes respostas:

- A visitante, S. S. C., museóloga, 26 anos, nos diz que “infelizmente a questão ambiental não é contemplada na exposição. Há como realizar o link entre a história e obra do poeta com o meio ambiente, mas não foi feito. Na área externa do museu também não há esta preocupação”;

- O visitante J. A. F., comerciante, 39 anos, a respeito da questão ambiental inserido na exposição diz que “poderia falar alguma coisa na exposição, pois o museu é no meio de um lugar verde”;

- A visitante, T. V. B., estudante, 15 anos, nos fala que “há na exposição o meio ambiente porque ficamos ouvindo os poemas e imaginando lugares e fico olhando o parque pela janela”.

Perguntado aos visitantes se já haviam participado de algum evento no PHCA que contemplasse a questão ambiental, obtivemos 22 respostas sim contra 19 não. Mesmo não sendo realizados nos últimos meses que estivemos no parque, ficou claro que já houve projetos voltados para este aspecto.

Quando foi perguntado se achava importante a preservação ambiental e por qual motivo, foi obtido unanimidade de respostas afirmativas, demonstrando que o público frequentador do parque é preocupado com o meio ambiente. Dentre as respostas:

- O visitante, M. L. C. S., agrônomo, 33 anos, nos diz que “É importante para a nossa sobrevivência”;

- A visitante, N. C. O., estudante, 11 anos, disse que “se não preservarmos hoje amanhã poderemos não ter”;

- A visitante D. S. C., lavradora, 35 anos, disse que “porque as crianças tem noção”.

- A visitante, A. L. C. O., professora, 38 anos, nos diz a respeito da preservação ambiental, “porque o futuro da humanidade depende da conservação hoje”.

Perguntado aos visitantes se já presenciaram algum ato de vandalismo nas dependências do PHCA, foram obtidas trinta e sete respostas em negação e três afirmativas. Os usuários que presenciaram atos e vandalismo ao meio ambiente são todas professoras do colégio que funciona dentro da área do museu, portanto, estão

no espaço diariamente. Todavia, duas respostas afirmam serem travessuras de crianças, mostrando que de uma forma geral, não há depredação do meio ambiente no parque.

Perguntado também aos visitantes em que áreas do parque passam o maior tempo de visitação se na área interna de exposição ou a percorrer o parque obtivemos vinte e seis respostas a favor da exposição, onze a favor da área externa do parque e três em ambos. Referente a área da exposição observamos que a maioria das respostas partiu de professores e estudantes realizando pesquisas, em oposição as respostas dos visitantes que frequentam mais a área externa que são adolescentes que vão para conversar ou lavradores.

Por último foi perguntado se o visitante acha importante a participação da comunidade na preservação ambiental dentro do parque. Obtivemos unanimidade de respostas afirmativas demonstrando o interesse da população em cuidar do espaço para proveito próprio e as gerações futuras. Mostra que a tipologia de museu é muito bem aceita pela população, apesar da mesma não saber muito bem defini-la, aponta-nos a noção de pertencimento dos cabaceirenses com o PHCA. Obtivemos as seguintes respostas:

- A visitante S. S. C., museóloga, 26 anos, nos diz que “a participação da comunidade que circunda um museu lhe legítima. Não existe museu sem público, muito menos ecomuseu, museu comunitário ou museu-parque sem a participação da comunidade, caso isso aconteça, estará fadado ao fracasso, esquecimento e não cumprir  seu papel social”;

- O visitante J. S. A., estudante, 17 anos, nos afirma que “se nós que somos da cidade e estamos aqui todos os dias nos divertindo não tomarmos conta quem vai fazer isso?”;

- A visitante A. S. V., professora, 31 anos, nos diz que “  importante preservar o ambiente em que vivemos”;

- A visitante A. L. C. O., professora, 38 anos, nos diz que é importante a preservação da comunidade porque “   um patrim nio público que servirá para as futuras pessoas resgatando a história”.

- O visitante, W. A. J., estudante, 18 anos, nos disse que “a comunidade tem que participar porque isso aqui é nosso, a gente é que se arma tendo este lugar para se divertir. A gente brinca mas num destrói nada”.

Os questionários aplicados ao público visitante ou externo do PHCA nos fez perceber como as pessoas se relacionam com a instituição e todo o seu acervo. Primeiro é notório o sentimento de pertencimento por todos os frequentadores, como se todos fossem guardas de um acervo de museu. O carinho com a instituição e com a antiga fazenda que dá nome a cidade é imenso e é perceptível pelo brilho no olhar de cada morador quando se refere ao local. Segundo, mesmo sem um conhecimento profundo, da maioria dos entrevistados, a respeito do que é um museu-parque e sobre a exposição, percebe-se que do local de aprendizado e preservação da história está presente na maioria dos discursos.

Relativo à questão ambiental, nota-se que ainda há muito a ser feito na instituição. Entretanto, há um enorme ponto favorável: a participação da comunidade. A vontade de participar de eventos, participarem dos cuidados com as plantas é enorme. A conscientização a respeito da preservação ambiental é um discurso inteiramente aprovado pela comunidade, pois apesar das ações não acontecerem no volume desejado principalmente por causa da falta de recursos financeiros, de forma invisível, a conscientização e as ações são realizadas.

São em pequenos atos que observamos grandes gestos. No PHCA a construção da cidadania se dá na participação ativa dos atores sociais que fazem da instituição uma extensão dos seus lares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Histórico Castro Alves é um museu de grande representatividade no Recôncavo. Recebendo cerca de dez mil visitantes por ano tornou-se ponto turístico na região devido à dimensão da sua área e receptividade. Classificado como museu-parque, ecomuseu e ainda museu comunitário, a partir das ações que desenvolve com o envolvimento da comunidade, cumpre a sua missão social. Tendo como ápice da visitação de público o dia 14 de março, dia do nascimento do poeta, os festejos de comemoração ocorrem no parque com autoridades locais e estaduais participando ativamente como afirmação da importância do espaço para civilidade. A apropriação do espaço pela comunidade se dá na sua plenitude.

O objeto de estudo deste trabalho, a questão ambiental dentro do discurso expográfico, fez-se necessário devido ao grande número de visitantes que recebe a instituição e por sua tipologia diferenciada de museu. Observar como um ecomuseu trabalha as questões ambientais nas atividades organizadas, sobretudo na principal forma de comunicação do museu, a exposição, faz deste trabalho uma ferramenta de avaliação para a própria instituição observar os resultados de suas ações.

Constatou-se que, há muito a se fazer para o PHCA consiga trabalhar a questão ambiental na maneira devida, ou pelo menos satisfatória. Medidas emergenciais precisam ser tomadas, sobretudo no que diz respeito ao controle de pragas e identificação das espécies. No caso da identificação das espécies, não falo de um trabalho científico para ficar armazenado em uma gaveta qualquer, mas que proporcione ao visitante do parque conhecer a espécie que ele está observando através de simples placas de identificação.

O que mais chama a atenção nesse estudo não é a deficiência de um trabalho mais apurado de inserção da questão ambiental no discurso expográfico mas a vontade de realizar um bom trabalho mesmo com os poucos recursos disponíveis. A realização de oficinas ao ar livre é algo cotidiano na história do parque, assim como o improvisado em algumas ações. A vontade de realizar a comemoração do nascimento de Castro Alves ou outro evento também de importância ultrapassa as barreiras impostas pela falta de recursos para a realização da vontade da comunidade.

A participação da comunidade é maciça no parque. As pessoas circulam no espaço como no quintal de suas casas, levam amigos de outras cidades para

conhecer o espaço e tornam-se guias do museu. São os maiores propagandistas da instituição e os primeiros a cobrarem ações educativas, ambientais ou renovação de exposição.

A questão ambiental em museus ainda é muito recente e necessita de melhor aplicabilidade das normas vigentes. Apesar de o Brasil ter iniciado sua vida museal criando museus de história natural e pesquisa como, por exemplo, o Museu Paraense Emílio Goelgi ou o Museu do Butatã, essa tipologia ainda não é valorizada da maneira devida ou os profissionais confundem-se na forma de organizar exposições e eventos similares para o público. Essas instituições podem pecar pelo tradicionalismo e por não trabalharem com uma equipe multidisciplinar.

Se a questão ambiental não é trabalhada da maneira devida no PHCA por falta de profissionais e de recursos cabe ao museu tentar solucionar os seus problemas financeiros com alternativas simples e baratas. Em entrevista com a museóloga responsável pela instituição nos foi mencionado o projeto da criação de um café no museu que traria rendimentos para a instituição. A realização de projetos que geram grande satisfação ao público muitas vezes é realizada com recursos produzidos pelo próprio museu.

Se a questão ambiental não é trabalhada da forma devida ou os profissionais ainda não estão totalmente inteirados das ações a serem realizadas por esta tipologia de museu, nota-se que o que não há falta vontade. Na verdade, todos os funcionários do museu e visitantes entrevistados são cuidadores do meio ambiente, sem preparo, é verdade, mas com a melhor das doações, o amor e o apego aos seus locais de memória.

Para se tornar um “museu de grandes novidades” tornar-se-á antes um museu preparado às novidades e as exigências de seu público.

REFERÊNCIAS

- BARBUY, Heloísa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/anaismp/v3n1/a19v3n1.pdf >. Acesso: 21/05/12.
- BOAVENTURA, Edivaldo m. Castro Alves: um parque para o poeta./ Edivaldo M. Boaventura. - Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 2006.
- BRUNO, Cristina. Principais campos da ação museológica. Artigo apresentado no seminário CCBB, julho de 2004. Disponível em: < http://www.mestrado-museologia.net/Textos_cristina/Campo_Accao_Museologica.pdf >. Acesso: 21/05/12.
- BUZÁ JACOBUCCI, Giuliano; Carvalho Jacobucci, Daniela Franco. Caracterização da estrutura das mostras sobre biologia em espaços não-formais de educação em ciências. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, vol. 10, núm. 1, junho, 2008, pp. 1-17.
- CHAGAS, Mário Souza. Um novo (velho) conceito de museu. Disponível em: < <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD/article/viewArticle/160> >. Acesso: 18/10/12.
- COSTA, Robson Xavier da. **Interfaces do espaço na arquitetura e na arte contemporânea: o museu em debate**. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia. Disponível em: < www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/cc/robson_xavier_da_costa.pdf >. Acesso: 21/05/12.
- CURY, Marília X. Exposição: concepção, montagem e exposição. São Paulo: Annablume, 2005. Capítulo I: O campo de atuação da Museologia.
- CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p.365-80, 2005. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/18.pdf >. Acesso: 20/05/12.
- Declaração de Caracas, 1992. Disponível em: < pfdc.pgr.mpf.gov.br/atuacao-e-conteudos-de-.../declaracao_caracas >. Acesso: 15/05/12.
- DELGADO. Andréa Ferreira. Museu e memória biográfica: um estudo da Casa de Cora Coralina. Sociedade e Cultura, vol. 8, jun/dez 2005.
- Dicionário Crítico de Política Cultura. Teixeira Coelho (org.). São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.
- HERREMAN, Yani. Exposições, Exibições e Mostras. In: **Como Gerir Museus: manual prático**. ICOM, 2004.
- JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf >. Acesso: 13/06/12.

LOUREIRO, C.F.B. Educar, participar e transformar em educação ambiental. Revista brasileira de educação ambiental, Brasília, v. 0, n. 0, p. 13-20, 2004. Disponível em: < assets.wwfbr.panda.org/downloads/revbea_n_zero.pdf >. Acesso: 20/07/12.

MAGALHÃES, Fernando Paulo Oliveira. Museologia, Ecomuseus e Turismo: Uma relação profícua?. Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003. Disponível em: < <http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1764/3/211-224.pdf> >. Acesso: 15/06/12.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Meio Ambiente e Ciências Humanas. 4ª. Edição. / Antonio Carlos Robert Moraes. – São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, Conceição. Parques naturais e patrimônio: os ecomuseus como instrumentos de desenvolvimento cultural. Disponível em: < <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/250> >. Acesso: 21/05/12.

SANTOS, Fausto Henrique dos. Metodologia aplicada em museus. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

TEIXEIRA, Mucio. Vida e obras de Castro Alves. Typ. e Encardenação do Diário da Bahia. Salvador: 1896.

APÊNDICES

